



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

## TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE AMAZONAS

**Francisca de Paula Santos da Silva**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[fcapaula@gmail.com](mailto:fcapaula@gmail.com)

**Aline Pauliana Soares Ferreira Lima**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[paulianasf87@gmail.com](mailto:paulianasf87@gmail.com)

**Vivian Andrea Arango Navarrete**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[vivian.andrea.arango.n@gmail.com](mailto:vivian.andrea.arango.n@gmail.com)

### RESUMO

Trata-se de uma pesquisa em contexto de iniciação científica cujo objetivo geral é mobilizar a Comunidade Amazonas para o Turismo de Base Comunitária. E em se tratando de objetivos, pensou-se: realizar diagnóstico sobre aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais; mapear os atrativos e atrações para fins de um turismo comunitário; organizar roteiro turístico alternativo. Para atendimento destes, adotou-se a pesquisa-ação e estudo de caso, fez-se necessária a revisão bibliográfica sobre turismo de base comunitária, analisar como as políticas públicas chegam na Comunidade Amazonas, e a realização de rodas de conversa e visitas técnicas na localidade, bem como a busca de dados e informações em órgãos oficiais e de organizações da sociedade civil. Obteve-se como resultado, o fortalecimento da interação entre a Comunidade Amazonas e a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, e a realização de roteiro turístico alternativo, responsável, sustentável e solidário.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária. Comunidade Amazonas. Políticas Públicas. Cabula.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde 2010, iniciou-se ações na localidade do antigo quilombo Cabula, que abrange dezessete bairros circunvizinhos da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, por meio do projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula - TBC Cabula. Esta iniciativa articula ensino, extensão e pesquisa, como corresponde à função social de instituições de ensino superior, mediante a participação e colaboração de comunidades científicas e populares. De um lado, estudantes e pesquisadores, abrangendo monitores e bolsistas de IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019. Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

extensão, graduandos e pós-graduandos em âmbitos de mestrado, doutorado e pós-doutorado; e do outro, moradores dos bairros Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru/Tancredo Neves, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreira, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambués, Resgate, Saboeiro, São Gonçalo do Retiro, Saramandaia, Sussuarana. Relevante lembrar que alguns dos moradores foram bolsistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, na condição de Iniciação Científica Júnior - ICJr, Apoio Técnico 03 - AT03 e Pesquisador Local - PL.

Dessa localidade, para efeitos deste artigo, optou-se pela Comunidade Amazonas, tendo em vista a participação de moradores no Coletivo Cultarte, grupo de artesãos criado em 2012 em contexto do II Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - ETBCES; parceria com escola da rede de ensino do Estado da Bahia; proximidade da UNEB, facilitando o deslocamento de estudantes e docentes para a Comunidade Amazonas, e de seus moradores para a universidade; dentre outros motivos.

A interação entre a equipe do grupo de pesquisa Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo - SSEETU, pelo projeto TBC Cabula, e a Comunidade Amazonas, vem sendo construída desde 2012. Durante este processo, contou-se com a presença de lideranças comunitárias nas reuniões de diagnóstico e mapeamento participativos; ampliação da rede de relacionamentos do TBC Cabula com instituições de ensino básico, fundamental, médio e superior, e Educação de Jovens e Adultos - EJA; visitas técnicas e de estudos; produção de trabalhos científicos, a exemplo de tese; publicação de artigos, incluindo-se aí escrita de autoria compartilhada entre moradores e acadêmicos; participação em eventos populares e científicos; cursos e oficinas de educação para o turismo de base comunitária; planejamento, organização e realização de roteiro turístico alternativo, responsável, sustentável e solidário.

Para realização dessas, aplicou-se a pesquisa-ação, estudo de caso, rodas de conversa e visitas técnicas. Fez-se necessária a revisão bibliográfica sobre turismo de base comunitária, políticas públicas e a localidade do Cabula, na qual está situada a Comunidade Amazonas. Também buscou-se dados e informações em órgãos oficiais e de organizações da sociedade civil, visando a mobilização da Comunidade Amazonas para o Turismo de Base Comunitária.

Sendo assim, o texto está organizado com conteúdos sobre o turismo de base comunitária, no qual posiciona-se a compreensão das autoras. Na sequência, contextualiza-se o Cabula, a Comunidade Amazonas e como as políticas públicas sociais estão sendo aplicadas



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

nesta localidade. E, por fim, relata-se as experiências da equipe TBC Cabula e resultados da interação com a Comunidade Amazonas.

## **2 COMPREENDENDO O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**

O turismo, consoante com Nascimento et al (2012), é uma atividade dinâmica e de relevância para a sociedade atual. De acordo com Silva et al (2016), a necessidade de aquecimento do sistema econômico capitalista, acaba acentuando os níveis de desigualdade e a criação de alternativas para o mercado consumidor ao tempo que consumidores também alternativos se somam à dinâmica em várias instâncias do comportamento e do consumo, incluindo as viagens. É neste contexto, continuam a expor, que surgiram iniciativas de turismo de base comunitária e modalidades semelhantes como o turismo comunitário em países com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Ditas localidades, comumente estão associadas a locais onde encontra-se indivíduos socialmente marginalizados, e, predominantemente, em espaços rurais, a exemplo de comunidades indígenas.

A respeito do turismo de base comunitária, há diversas compreensões, que divergem seja conceitualmente e ou no *modus operandi* de organização da atividade turística. Em pesquisa realizada sobre este tema no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, observa-se o uso recorrente de referências de autores como Irving (2009), Sansolo e Bursztyn (2009), e as diretrizes do Projeto Bagagem (2010), dentre outros. No caso particular deste artigo, optou-se pela concepção de Silva et al (2016), para estabelecer as diferenças entre o turismo convencional e o turismo de base comunitária, e Gómez (2015), por terem aproximação dos construtos de práticas.

A seguir, no Quadro 1, verifica-se essa distinção, que é essencial no processo de organização do turismo de base comunitária na localidade do Cabula. O mesmo permite, resumidamente compreender as diferenças entre o turismo convencional em relação aos aspectos mais relevantes vinculados ao tipo de gestão, valores, organização, protagonistas, direção e motivações de cada, e áreas correlatas como a economia solidária no caso do TBC.

### **Quadro 1. Diferenças entre o Turismo Convencional e o Turismo de Base Comunitária**



### IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	TURISMO CONVENCIONAL
Baseado no compartilhamento dos ganhos entre sujeitos da comunidade	Baseado no lucro dos empresários
Capital social, relação de confiança e transparência.	Capital proveniente do mercado, relação de oferta e demanda
A cultura e o meio ambiente como base fundante da organização do turismo.	A cultura e o meio ambiente como mercadoria, produto, atrativo, atração. descaracterizando-os.
Valorização da identidade local.	Uniformização das culturas.
Organização em rede, coletiva, cooperativa, participativa, solidária, compartilhada.	Organização setorial, individualizada, competitiva, empresarial, centralizada.
Tem como fim a troca de experiências, de saberes, e artesanatos manufacturados.	Tem como fim o consumo, compra e venda de produtos industrializados ou não;
Singularizado, o humano, o ser.	Massificado, o consumidor, o ter.
Princípio na economia solidária, no comércio, justo.	Princípio no mercado, na competição.
Autogestão.	Gestão departamentalizada, fragmentada.
Protagonismo das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.	Alijamento das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.
Trabalho.	Emprego, expropriação e precarização do trabalho, exploração de mão de obra.
Concientização.	Alienação.
Grupos marginalizados, politizados e classes populares.	Grupos detentores do capital, do poder, classes dominantes, membros de elites.
Foco no desenvolvimento local sustentável do território.	Foco no crescimento econômico, especulação imobiliária.
Apoderamento e empoderamento comunitário.	Apropriação privada, propriedade.
Espaço para organizações populares e iniciativas comerciais tradicionais formais e informais como quitandeiros, feiras populares, por exemplo.	Espaço para cadelas e redes internacionais, empreendimentos formais, de médio e grande porte como complexos hoteleiros, shoppings centers, por exemplo.
Bem-estar coletivo.	Bem-estar individual.

Fonte: SILVA et al (2016, p. 83-84).

Como consta acima, existem diferenças de base entre esses tipos de turismo, assim como é importante sublinhar que o Turismo de Base Comunitária - TBC e Turismo Comunitário – TC, também divergem entre si. Silva et al (2016), sinalizam principalmente que no primeiro caso, a organização não é empresarial, nem sustentada em propriedade, mas solidária e comunitária. Em relação com o TC, sinalizam que “há riscos de apropriações da comunidade por parte de pessoas espertas e individualistas ao identificar o turismo



### IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

comunitário como oportunidade econômica, desvirtuando assim os conceitos” (SILVA et al, 2016. p.85).

Ditas condições, ratificam a essência da comunidade como protagonista participante do TBC. Conceitualmente, os construtos do conceito reforçam este fato. De acordo com Gómez (2015), o TBC parece estar alinhado com os postulados da inovação social e para tal fim, realiza um levantamento dos mesmos vinculados ao TBC. Observa-se assim, no Quadro 2, que tais construtos reafirmam o papel central e coletivo da comunidade

#### Quadro 2. Construtos do Conceito de Turismo de Base Comunitária.

Desenvolvimento da comunidade, filosofia de planejamento participativo, controle do processo	Okazaki (2008); UNWTO (2014); MTur (2010)
Distribuição de poder; criação de capital social; e, processos colaborativos	Jamal; Getz (1995); Reed (1997); Okazaki (2008); MTur (2010)
Turismo de experiência; originalidade	UNWTO (2014); Bursztyn (2012)
Autogestão; cooperação; equidade; distribuição dos benefícios gerados	Maldonado (2009); MTur (2010); Fabrino; Costa; Nascimento (2012); Sansolo e Bursztyn (2009)
Valorização da identidade cultural	Sansolo e Bursztyn (2009); Bursztyn (2012)
Convivialidade, comunidade e cotidianidade	Guzzatti; Sampaio e Coriolano (2013); Zuñiga; Pilquiman, Skewes e Sampaio (2012); Sampaio; Zamignan (2011); Grimm; Sampaio (2011); Zamignan; Sampaio; Mantovaneli Júnior (2011) Sampaio; Alvez e Lenz (2010); Vasquez de la Torre; Guzmán; Caridad y Ocerin (2007)
Inovação social	Lima (2009)
Protagonismo da comunidade, atores	Okazaki (2008); UNWTO (2014); MTur (2010); Maldonado (2009); Fabrino; Costa; Nascimento (2012); Sansolo e Bursztyn (2009); Sampaio e Coriolano (2009)

Fonte: (GOMEZ, 2015, p. 1220).

Estabelecidas as bases conceituais do termo, é importante compreender o TBC na sua relação histórica como prática vinculada às políticas públicas. O turismo de base comunitária, é um fenômeno recente se vinculado à maneira que foi divulgado e legitimado como uma forma diferenciada de turismo nas iniciativas expostas na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em 2005. Neste documento, refere-se ao início das capacitações vinculadas ao desenvolvimento sustentável e ao turismo, estas dirigidas a atores estruturantes na formulação de políticas públicas de países em desenvolvimento.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

É preciso considerar, contudo, que em consonância com Maldonado (2009), a história do TBC vinculado às políticas públicas, existia já no fenômeno do Turismo Rural Comunitário – TRC, na América Latina. O mesmo relata que as primeiras incursões isoladas deste tipo de turismo, datam de meados dos anos de 1980, explicadas por múltiplos fatores de ordem política, cultural, social e econômica.

Lembrando as diferenças conceituais entre TBC e TC, é necessário passar por esta fase para compreender esta prática do turismo. Maldonado, explana como as pressões mundiais do mercado turístico sobre os patrimônios naturais e culturais dos povos, fizeram com que: “Muitas ONGs ambientais encorajaram diversas comunidades a receber turistas em seus territórios por considerarem uma opção viável para a preservação de seus recursos naturais, do meio ambiente e da biodiversidade local.” (MALDONADO, 2009, p. 26). Isto, somado às necessidades econômicas das comunidades em situação de pobreza crônica, ao papel crucial das pequenas microempresas na diversificação da oferta turística nacional e no desenvolvimento econômico local, e as estratégias de índole política do movimento indígena no seu desejo de conservar seu patrimônio que ele define como ancestral, deram passo ao TRC.

Em relação às primeiras incursões na política pública, há muito para fazer para ter um ambiente propício para o desenvolvimento do TRC, explana Maldonado. Isto porque, embora o turismo traga reais benefícios a um número crescente de comunidades, “os problemas gerais que os afetam são o reconhecimento legal para o exercício do turismo pelas comunidades, a prestação de serviços públicos e infra-estrutura rodoviária para o acesso dos visitantes aos destinos finais” (MALDONADO, 2009, p.37).

Evidencia-se como as políticas públicas acabam sendo um fator relevante na efetivação do TBC em termos da sua viabilidade econômica, social e política. Em consequência, Maldonado (2009) expressa como o desafio das comunidades da América Latina consistiu na criação de estruturas e meios de pressão política visando as decisões econômicas e institucionais que afetaram as condições de vida e o bem-estar. Ele expressa como é preciso este exercício na luta de competir com operadoras de turismo nacional ou transnacional. Assim foi criada a “Rede de Turismo Sustentável” (REDTURS), objetivando estruturar a luta contra o mercado e o fortalecimento das redes do TRC. Para isto, realizou-se seis encontros regionais entre 2001 e 2008, contando inicialmente com a participação de vinte organizações de treze países.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

Das vinte e uma Federações Nacionais e Parcerias Locais de Turismo Comunitário participantes no último encontro regional REDTURS, 2007- 2008, uma foi brasileira: a Rede Brasileira de Turismo Solidário Comunitário - TURISOL. A propósito, a mesma, de acordo com Fontoura (2009), começou a se construir a partir de 2003, no marco de cooperação com os programas de economia solidária. Porém, é só a partir de 2007, que, também segundo esse autor, começa a se reconhecer como promotora de turismo comunitário em paralelo com a chamada de projetos em 2008, pelo Ministério de Turismo – Mtur, chamada esta que visou dar visibilidade à esta modalidade de turismo no Brasil. Assim, o ano 2008, acaba sendo marcante na prática para se pensar o início do TBC no Brasil.

Nessa chamada, a maioria dos projetos, segundo Alves (2013), são realizados em espaços rurais, em Áreas de Proteção Ambiental (APA) e litorâneas, sendo ainda incipiente na área urbana. Isto se confirma na pesquisa de artigos no portal da CAPES, dos oito projetos brasileiros presentes nos textos de Moraes; Mendonça; Pinheiro (2017), Moraes; Emmendoerfer (2015), Moraes; Emmendoerfer; Costa (2013), Moraes; Ribeiro; Emmendoerfer (2013), Araújo (2011), Monteiro (2015), Pinheiro (2014), Freire; Ferreira (2015), Burgos; Mertens (2016), Mello; Alexandre (2017) e Martins; Déjardin; Silva (2013), apenas o projeto TBC Cabula é em espaço urbano, citados pelos últimos autores desta lista. Todavia, é interessante mencionar, que sua localização é no antigo quilombo Cabula.

Devido aos contextos marcadamente diferentes, rural e urbano, e ao curto espaço para a realização de análises mais aprofundadas em torno disto, não foi possível estabelecer relações entre os projetos, mesmo sendo experiências de TBC. Não obstante, visando finalizar a compreensão do TBC no Cabula em prévia abordagem aqui proposta, e recapitulando a essência comunitária do TBC, o projeto de México exposto por Sanchez, Oseguera e Isunza (2014), revela, no texto, semelhanças mais fortes com a realidade deste caso brasileiro, e o caso do Chile, narrado por Skewes, Zúñiga, Vera (2012), retrata um vínculo singular. O diálogo como elemento essencial; a participação do governo é considerada como pouco útil; o ajuste de atividades domésticas a partir da autogestão; as capacitações realizadas; a tendência ao empreendedorismo da comunidade; a realização de percursos no campo e visitas do grupo de trabalho; são sinalizadas pelos autores em consonância com o caso urbano.

Tal como no Cabula, a participação ativa da comunidade e de lideranças é marcante. No caso do Chile, o vínculo se estabelece na participação de instituições de ensino básico, fundamental, médio e superior e exercícios interdisciplinares na construção dos



### IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

projetos. Finalmente, e talvez mais relevante, seja em relação com as diferenças. De todas as experiências do recorte da CAPES, além de ser único caso urbano do recorte e dos poucos do país lembrando a Alves (2013), o TBC Cabula é o único que tem produção de trabalhos científicos, a exemplo de tese; publicação de artigos, onde além do mais se inclui a escrita de autoria compartilhada entre moradores e acadêmicos, participando de eventos populares e científicos. Sem dúvida, pelas rápidas características acima mencionadas, cabe aprofundar compreensão do contexto Cabula, no qual está inserida a Comunidade Amazonas.

### 3 CABULA

Cabula, terra habitada originalmente por povos indígenas Tupinambás, passou a ser uma localidade com forte herança africana e afrobrasileira, o qual era constituído desde o século XVIII, senão antes, por escravos refugiados que foram influências de suma importância para a construção da história do antigo quilombo Cabula.

Em relação à história dessa localidade, inicia-se sobre o significado da palavra Cabula, Rosali Braga Fernandes (2003 apud Castro, 2001), o termo Cabula é de origem da língua Bantu, existente na região do Congo – Angola e quer dizer mistério, culto (religioso), secreto, escondido, isto é, “Lugar de afastamento dos males”. Segundo Waldeloir Rego (1980), ao afirmar que é o “[...] nome de um ritmo religioso muito tocado, cantado e dançado, daí o bairro tomar o nome de ritmo frequente naquela área, sendo suas matas utilizadas pelos sacerdotes *quicongo*.” (apud SANTOS *et al.*, 2010, p. 210). Para Luciana Conceição de Almeida Martins (2017), na sua contribuição para história pública do Cabula, afirma que este culto, no Brasil, foi ajustado devido a introdução de elementos advindos do catolicismo e dos povos indígenas, os quais foram incorporados nos rituais. Assim, tem-se a ideia de que naquela faixa de terra havia poucos habitantes, nesta época, pois, no início, era apossado por indígenas que entraram na área de Salvador quando os europeus invadiram os locais que ficavam próximo ao mar e, logo após, por negros que se fincaram no entorno do Centro urbano da capital da Bahia. Estes se refugiavam em mocambos e, posteriormente, quilombos, termos utilizados pelos senhores e autoridades dos períodos Colonial e Imperial, àqueles agrupamentos de negros refugiados. Em 1807, foi organizado um envio de tropas, sob o comando do Capitão de Entradas e Assaltos Severino da Silva Lessa, no governo do Conde da Ponte, para o esfacelamento do quilombo do Cabula, para ser mais preciso esse





### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

ataque aconteceu no dia 31 de março, à noite, do supracitado ano, tal invasão ocasionou o aprisionamento dos negros refugiados e a retomada da área onde estava articulado o quilombo do Cabula (MARTINS, 2017).

A área do antigo quilombo Cabula, onde hoje denominada como o bairro do Cabula foi doado ao conde Castanheira, António Ataíde. Após algum tempo, foi alugada para o senhor Natal Cascão, o qual foi responsável pela construção da Capela de Nossa Senhora do Resgate, intitulada na atualidade como Igreja de Assunção, que nas proximidades desta foi constituído um restrito povoado (SANTOS, 2010, p. 210). Na época, as terras do atual Cabula eram consideradas, pelos portugueses, inadequadas para habitação por serem constituídas por morros elevados, configuração de Mata Atlântica de acesso vedado, com rios e pântanos (MARTINS, 2017). Mas, constata-se que havia povos que cultivavam pequenas roças, com a plantação de hortaliças e predominância de plantação de laranjas de umbigo, natural da Bahia. Como contextualiza Janice Nicolin (2016), o quão essa laranja era famosa que na década de 1940 era realizada, no mês de junho, a quermesse da igreja dos Capuchinhos Franciscanos, nomeada como Igreja do Cabula, onde era escolhida a Rainha da Laranja.

As laranjas do Cabula abasteciam de forma substancial o comércio de Salvador. Mas, entre as décadas de 1940 e o início dos anos de 1950, uma praga levou à dizimação dos pés de laranja (REGINA; FERNANDES, 2005). Até o início de 1940, as áreas rurais como sítios, chácaras, pequenas fazendas, e até mata densa poderiam ser vistos naquela região.

Em 1950, ano que houve o momento definido por Fernandes (2005) como, “processo de expansão horizontal em Salvador”, e, concomitantemente, a segregação urbana. Na década de 1960, ocorreu a mudança do sistema de transporte, e nos anos de 1970, a chegada e implantação de equipamentos públicos e empresas privadas, algumas que prestam serviços públicos. E, também, pela significativa mudança da estrutura do Cabula, que passou de áreas, puramente, de roças, chácaras, arraias, para dar espaço a moradias, tais como casas e prédios.

Na atualidade, em 2019, há espaços do Cabula com matas, por exemplo, a área onde está situado o 19º Batalhão de Caçadores - 19º BC, considerada pelo equipamento público a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER, 1996), na qualidade de reserva remanescente de Mata Atlântica, contextualizado nos anos de 1970 e 1980, onde o bairro era considerado um local de extensão verde muito expressiva. Segundo Fernandes (2005), o rápido processo de ocupação do bairro gerou uma degradação ambiental



#### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

de um espaço que até nos anos de 1940 era formado, conforme mencionado acima, por uma ampla área verde. Fernandes (2005), relata os anos de 1980 e 1990 como o período de apropriação exacerbada do bairro, ocasionando a degradação sumária do espaço verde.

Paulatinamente, a cada dia, vê-se uma redução do meio ambiente do Cabula devido às investidas de corporações imobiliárias com anúncios de prédios que ainda estão na planta. Contudo, áreas como o Horto do Cabula ou a da Comunidade Amazonas, ainda preservam áreas de Mata Atlântica, que poderão ser preservadas, mediante a valorização por meio do turismo de base comunitária.

#### **4 COMUNIDADE AMAZONAS**

A comunidade Amazonas, encontra-se localizada entre a rua Silveira Martins e o 19º Batalhão de Caçadores e possui duas entradas veiculares. Uma próxima ao Colégio Governador Roberto Santos e a outra no posto Shell. O nome, foi mudado recentemente pela associação dos moradores na tentativa de apagar a associação negativa que se tinha do local quando referido como Timbalada ou Rua do Timbaleiro (SILVA, 2016). De acordo com o mesmo, o nome inicial era em homenagem a um morador que tinha fama de barulhento e era também instrumentista de percussão.

De acordo com os moradores, o local foi ocupado originalmente por pedreiras, neste sentido Queiroz (2017), confirma que se extraía minério, e que estas estavam localizadas na região do Arraial do Retiro, Fazenda Grande do Retiro e Cabula. Nunes (2016), moradora dessa comunidade, explica que com a prática da mineração, em 1970, houve uma explosão que atingiu o lençol freático que inundou o terreno, formando uma lagoa. Em 1980, as pedreiras são desativadas.

Antes, era frequente o uso da lagoa para banhos, sendo reduzido por conta de acidentes fatais nela. Mesmo com estes fatos, o poder público ainda não tomou iniciativas efetivas para melhoramento das condições da lagoa. Mas, por iniciativa dos moradores suspenderam práticas de banho nela. █

A comunidade, nitidamente, está em constante crescimento, mas as ações essenciais oriundas das políticas públicas que são fundamentais para o bem-estar social da população não seguem em paralelo a essas mudanças. Algo que é motivo, recorrente, de reclamação por parte dos moradores da localidade, como questões estruturais; serviço de drenagem da rede de esgoto; construções de equipamentos públicos como creche e posto de



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

saúde; limpeza da lagoa; dentre outras. A ausência do poder público, contribui para mobilização da comunidade de ela mesma efetivar melhorias no local onde vivem.

Verificou-se no diagnóstico e mapeamento, potencialidade para o turismo de base comunitária, seja pelos seus atrativos e atrações, e pela participação da comunidade em prol do bem coletivo. Identificou-se a Lagoa, o paredão de pedra e a vegetação de Mata Atlântica; serviços como bares, restaurantes e pequeno comércio local; espaços religiosos que promovem ações de cunho social; grupos de capoeira, fanfarra, dança e músicos, contam com o protagonismo juvenil.

## **5 EXPERIÊNCIAS DE TBC NA COMUNIDADE AMAZONAS**

Conforme mencionado acima, a interação entre o SSEETU, pelo projeto TBC Cabula, e a Comunidade Amazonas, vem sendo efetivada desde 2012. Os primeiros contatos foram com lideranças comunitárias, que desde então, sinalizavam a necessidade de melhoramentos na infraestrutura e atendimento às necessidades básicas desta comunidade.

Entre idas e vindas de moradores na UNEB e de acadêmicos na Comunidade Amazonas, identificou-se o qual relevante seria a implementação do turismo de base comunitária na localidade, mediante o protagonismo de seus moradores ao apropriar-se das potencialidades do lugar onde vivem.

As reuniões de diagnóstico e mapeamento participativos, bem como a fase de planejamento e organização de roteiros, já se caracterizavam como vivências singulares para todos os presentes. A metodologia adotada fez com que fossem revelados aspectos sobre a Comunidade, que até então, não imaginavam que teria valor algum, ainda mais para visitantes e turistas. Nesta localidade, a represa é o principal atrativo natural, e se conjugado com a área de Mata Atlântica situada no 19ºBC, tem-se a alternativa de realização do ecoturismo e do turismo ecológico de base comunitária, na qual os moradores passam a ser autogestores da preservação destes. O que implica em trabalho e renda para jovens e adultos, que passam a ter na sua comunidade alternativas de melhoria de sua condição de vida, e ampliação e aprofundamento de visão da vida ao interagir com visitantes e turistas. Em relação aos atrativos e atrações culturais, a história do processo de ocupação da Comunidade Amazonas, revela a constituição de uma cultura que mescla outras culturas de pessoas de origem de zonas rurais da Bahia. Acrescenta-se aí a importância do Colégio Estadual Governador Roberto Santos para esta comunidade, desde a dimensão educacional à de lazer e entretenimento.

IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019.

Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

A Comunidade Amazonas vem tendo visibilidade na comunidade acadêmica a partir da produção de trabalhos científicos por seus moradores que participam de projetos, a exemplo do TBC Cabula, Rádio na Escola, e outros. Tem sido locus de estudos e pesquisa que resultaram em tese e pesquisas de Iniciação Científica.

Alguns moradores vêm participando de eventos científicos, socializando a Comunidade Amazonas, que se caracteriza como um lugar favorável para o turismo de base comunitária com protagonismo juvenil. Para tal, a equipe TBC Cabula, vem oferecendo cursos e oficinas como processo de educação para o turismo de base comunitária.

Quanto ao roteiro turístico alternativo, responsável, sustentável e solidário na Comunidade Amazonas, planejado e organizado pelos seus moradores, registram-se dois momentos. Em 2018, como atividade do VIII ETBCES. E, em 2019, motivado pelos estudos doutorais de pesquisadora do estado do Pará na UNEB; conhecimento da localidade pela equipe do Receptivo AQC; e pesquisadores do projeto TBC Cabula.

## **6 CONCLUSÃO**

De 2012 aos dias atuais, em 2019, a relação entre a UNEB e a Comunidade Amazonas vem se intensificando por meio de pesquisa, ensino e extensão, adotando-se metodologias participativas.

O acolhimento da comunidade tem sido crescente, na medida em que são estabelecidos vínculos de confiança, e ações colaborativas durante o processo de mobilização para o turismo de base comunitária.

Está implícito que são necessárias políticas públicas sociais para a melhoria das condições de vida da população. Sendo assim, tem-se no turismo de base comunitária, a possibilidade de fortalecimento da comunidade no pleito de suas conquistas por respeito ao direito humano de moradia, acessibilidade e lazer.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Katiane. Turismo de base comunitária fundamento histórico e abordagens conceituais. In: SILVA, Francisca de P. S (Org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.



**IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

ARAÚJO, Marina. O Início do Pensamento em Torno do Turismo de Base Comunitária: estudo de caso na comunidade de Galiléia, município de Caparaó, Minas Gerais, Brasil.

**Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 2, p. 238-276, 2011.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. *Tourism & Management Studies*, v. 12, n. 2, p. 18-27, 2016.

FERNANDES, Rosali. **Las políticas de la vivienda en la ciudad de Salvador y los procesos de urbanización popular en el caso del Cabula**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

FONTOURA, Ana. Redes de turismo comunitário no Brasil: A experiência da Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL). MESA II: Fórum global sobre turismo.

**Fórum Social Mundial 2009**. Belém (PA): jan. 2009.

FREIRE, Liana; FERREIRA, Helena. O Turismo de Base Comunitária como Alternativa de Desenvolvimento Local: o caso de Curuçá-Pará. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos-ABET**, v. 5, n. 3, p. 36-44, 2015.

GÓMEZ, Carla Regina Pasa et al. Turismo de Base Comunitária como inovação social: congruência entre os constructos. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, p. 5, 2015.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: SANSOLO, Davis; BURSZTYN, Ivan (orgs.). **Turismo de Base Comunitária, diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. **História Pública do Quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação. Doutorado Multidisciplinar e Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2017.

MARTINS, Luciana; DÉJARDIN, Isabelle; SILVA, Francisca de Paula. Reflexões sobre a importância da investigação histórica para o ecoturismo e o turismo de base comunitária. **El Periplo Sustentable**, n. 24, p. 187-207, 2013.

MELLO, Janaina. Cardoso. de; ALEXANDRE, Lilian Maria de Mesquita. Marcas e propriedade intelectual das catadoras de Mangaba (SE): turismo de base comunitária, economia criativa e INPI. PIDCC : **Revista de Propriedade Intelectual - Direito Contemporâneo e Constituição**, Aracaju, ano 6, v. 11, n. 3, p.43-67, out/2017.

MONTEIRO, Thiago. Ação política e afirmação territorial: turismo de base comunitária entre os caiçaras de São Gonçalo, Paraty, Rio de Janeiro. *Espaço e Economia*. **Revista brasileira de geografia econômica**, n. 7, 2015.



**IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

MORAES, Edilaine; MENDONÇA, Teresa; PINHEIRO, Carolina. Trilhando o turismo de base comunitária em minas: um novo caminho das Gerais. *CULTUR: Revista de Cultura e Turismo*, v. 11, n. 1, p. 6-33, 2017.

MORAES, Werter de; EMMENDOERFER, Magnus; COSTA, Nadja da. Las buenas prácticas del turismo de base comunitaria en el territorio de la Serra do Brigadeiro (Minas Gerais, Brasil). *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 22, n. 6, p.1074 -1095, 2013.

MORAES, Werter de; EMMENDOERFER, Magnus. Turismo Comunitário e Inclusão Social: análise do roteiro turístico de base comunitária do Projeto Boas Práticas na Serra do Brigadeiro–Mg/Brasil. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos-ABET*, v. 5, n. 3, p. 26-35, 2015.

MORAES, Werter de; RIBEIRO, Guido; EMMENDOERFER, Magnus. **Ensaio de uma metodologia com indicadores para o turismo de base comunitária: O caso do Território da Serra do Brigadeiro – Brasil.** *PAS S*, v. 11, p. 297, 2013.

PINHEIRO, Thaís. Indicadores para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Base Comunitária: Um Estudo de Caso da Comunidade do Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos-ABET*, v. 4, n. 1, p. 61-71, 2014.

NASCIMENTO, Isabella; MAIA, Adiel Ferreira; DE OLIVEIRA DIAS, Priscila Olivia. A experiência como produto turístico: A emoção e a sensação do novo e diferente. *Revista Turismo: estudos e práticas*, v. 1, n. 2, 2012.

NICOLIN, Janice de Sena. **Kipovi Cabuleiro: Um tom de memória do Cabula.** 2015. 290 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

QUEIROZ, Iala Serra. **Educação e participação popular: processo educativo socioambiental no antigo quilombo do Cabula.** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2017.

REGINA, Maria Emília Rodrigues; FERNANDES, Rosali Braga. O acelerado crescimento dos bairros populares na cidade de Salvador-Bahia e alguns dos seus principais impactos ambientais: o caso do Cabula, geograficamente estratégico para a cidade. *Geosul*, Florianópolis, v. 20, n. 39, p 119-131, jan./jun. 2005.

SÁNCHEZ, Julio; OSEGUERA, Fátima; ISUNZA, Alma. Turismo de base comunitaria y experiencias locales. Estudio de caso la comunidad indígena Maravilla Tenejapa. Chiapas: **Ra Ximhai**, v. 10, n. 3, 2014.

SKEWES, Juan; ZUÑIGA, Christian; VERA, Marisela. Turismo comunitario o de base comunitaria: una experiencia alternativa de hospitalidad vivida en el mundo Mapuche. Tralcao sur de Chile. *CULTUR-Revista de Cultura e Turismo*, v. 6, n. 2, p. 73-85, 2015.



**IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

SANTOS, Elizabete; PINHO, José Antonio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos FISCHER, Tânia (orgs). **O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, fontes e bairros**. Salvador: CIAGS/UFBA: SEMA, 2010.

SILVA, Francisca. P. S.; MATTA, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, Natália. **Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92. ago. 2016.

SILVA, Anderson Santana. Timbalada ou Amazonas: uma questão de definição. Salvador: **Caleidoscópio: Outro olhar sobre o lugar**, nº 2, 2016.